As Grandes Obras

JOSÉ INGENIEROS

A Imoralidade Social de Amar

Sua Interpretação Economica

Cultura Moderna

A Imoralidade Social de Amar

Propuzemo-nos oferecer ao leitor de lingua portuguesa, a obra original de Ingenieros. Já editamos algumas, que, apezar de conhecidas, tiveram o exito mais animador, em nossas traducções. Proseguindo, lançamos este estudo subtil e profundo á sua vez, da instituição debatidissima do matrimonio, das suas amorosas causas geradoras, detidamente analisadas, especialmente em seus mil e um entrelaçamentos economicos, o que as torna, segundo os poderosos argumentos invocados pelo cintilante ensaista, visceralmente imorais.

A pena do sociologo flameja, profilga e treme como um latejo, ao quebrar as mascaras da hipocrisia social, mas a veemencia critica não sacrifica a verdade fundamental da tése aqui exposada, porque a verdade se assenta por fundamento das suas análises e das suas reivindicações sociais.

Edições
Cultura Moderna

JOSÉ INGENIEROS

A IMORALIDADE SOCIAL DO AMAR

SUA INTERPRETAÇÃO ECONOMICA

TRADUÇÃO DE
José Deodato

CULTURA MODERNA
(Soc. Editora Ltda.)
Rua São Bento, 51
Caixa Postal, 749
SÃO PAULO
(Edifício Martinelli)
Telefone 2-8000

Prefação dos Editores

A que subtilezas atinge, nestas poucas mas turgidas paginas, esse grande espirito que foi Ingenieros, nesta analise super-fina do amor! De todos os penetrantes pensadores que se ocuparam desse eterno tema, poucos, ao certo, conseguiram as profundezas dessa nobre alma, que por taes paginas e outras mais, mereceu, sem favor, o galardão das glorias legitimas, com que a posteridade sabe sagrar os valores autenticos. Ingenieros é dos que se reportava Castro Alves ao declarar: "quando um seculo fecha os dedos, encontra nomes que não lhe

cabe na mão". O julgamento literario do futuro, valendo por definitivo ajuste de contas com o presente, ha-de deixar o nome desse audaz e atilado analista de manifestações do espirito e do sentimento, que tão clarividente na sua decomposição se mostra.

E vê bem, benevolo leitor, que Ingenieros, nestas linhas, manifesta-se como uma lampada maravilhosa de iluminação dos mais reconditos arcanos do sentimento humano, no que tem este de mais complexo e quasi impalpavel, imponderavel fluidico, mas terrivelmente subjulgador, — o sentimento amoroso. E que avanço galhardo, na ultra modernidade das ideias e dos ideais! Tem uma penetração quasi profetica do futuro,

pela analise infalivel do presente. Faz do seu pensamento a alavanca de Archimedes, e no espaço imenso do seu ideal, de mão poderosa, constróe com ela a beleza indescretivel da livre familia do futuro, baseada em desembaraços e tendendencias naturais e espontaneas.

Leitor muito caro, aproveita o pó de ouro que revoluteia nessas páginas e inspira-te nelas e pela escravidão atual consola-te com elas, pois elas te abrem a visão de uma humanidade promissora, purificada pela liberdade, tudo construido como se fosse tecido em filigranas daqueles periodos magistrais de Platão.

A MORAL DOMESTICA CONTRA O AMOR

Toda moralidade é resultado expontaneo da experiencia colectiva. Renova-se, incessantemente, como a sociedade, em que desempenha funções normativas de conducta individual. E' diversa no espaço-ambiente e variavel no tempo. E' experiencia em ação, sentida, vivida pelos homens, independentemente dos sistemas teologicos ou racionais, que pretendem fixá-la em esquemas confecionados com variavel engenho. (1)

---

(1) A moralidade social não corresponde a nenhum esquema lógico, de principios dialecticamente demonstraveis, de uma ves para sempre; é seiva que chega a todos os individuos que formam a sociedade e dai aprender-se por imitação, e ensinar-se por exemplos. Abstrair a moralidade da vida real, é matá-la. Os dogmas teologicos são como a obra de um geólogo que, para estudar o curso de um rio começasse pondo-lhe um dique, e imobilizando-lhe as aguas. Os dogmas racionais equivalem á opinião de um biólo-

As sociedades tiveram, em todos os momentos de sua evolução, diferentes valores morais, que variaram simultaneamente com a experiencia social. Dela brotaram e continuarão brotando, incansavelmente renovados e infinitamente perfectiveis, juizos de valor que qualificam a conducta, normas do dever e conceitos de justiça, isto é, tudo quanto seja obrigação e

go que, para compreender as funções da vida humana resolvesse distilar um cadaver num alambique. As comparações são exactas. Os dogmas revelados põe á experiencia moral o dique da Revelação. Os dogmas racionais pretendem extrair sua hipotetica quintaessencia, no alambique da Razão.

Creio que a etica do porvir será, entretanto, uma ciencia funcional e adoptará o método genetico. Só assim se chegará a libertar a consciencia moral da humanidade de todo dogmatismo teologico ou racional, demonstrando que a moralidade é um resultado natural da vida em sociedade. Submetida, como qualquer outra experiencia, a um processo de evolução incessante, a moral não pode fixar-se nas formulas mortas de nenhum catecismo dogmatico, nem nos esquemas secos de nenhum sistema aprioristico; vae-se tornando, torna-se a natureza mesma. O estudo da experiencia moral passada nos permite compreender a presente, como nesta podemos entrever a do porvir. Esta dupla condição de expontaneidade e de perfetibilidade, alheia a toda força extrinseca ou sobrenatural, ilimitavel por nenhum preceito, põe a moralidade no apice do humana. INGENIEROS — *Hacia una moral sin dogmas*.

sanção, sempre relativas a cada sociedade. A idéa de dogmas morais absolutos, invariaveis, universais, pode hoje considerar-se como das mais insensatas que perturbaram aos classicos zurzidores de metafisicas e religiões (2).

(2) "A negação de formas-limites que contenham o natural desenvolvimento da experiencia moral é proveitosa para o aumento da moralidade efectiva entre os homens. A mesma vida social, multiple e varia, incessantemente renovada, determina a transmutação activa dos juizos de valor que em cada momento e lugar constituem as normas da moralidade real; o bem e a virtude ontem podem não ser o bem e a virtude de amanhã. Porque limitariamos, com dogmas rigidos, o aparecer de novas formas da moral e do direito, incessantemente renovados na experiencia social? Poderiamos ajustar o porvir a moldes dogmaticos construidos sobre a experiencia do passado? E se outrora foram hipoteses legitimas, poderiamos sacrificar-lhes todas as possibilidades e as esperanças que nascem da experiencia actual e futura? Ninguem poderá afirmar que os ideais morais alcançaram já suas formulas definitivas. Ninguem poderia dizer que a experiencia moral culminou em manifestações insuperaveis. Não pode o individuo aumentar o seu coeficiente medio de virtude, de dignidade, de livre iniciativa? Não pode na sociedade desenvolver-se mais generosamente a solidariedade, a cooperação, a justiça? E' possivel, dizemos, maior moralidade. E' possivel. E' necessaria. E para alcança-la já não bastam os secos dogmas da teologia e da razão. A experiencia social os ultrapassa e os viola". INGENIEROS — *Hacia una moral sin dogmas*).

Nos agregados humanos a convivencia determina, nos individuos, a formação natural de costumes, crenças e sentimentos similares: u'a mentalidade colectiva, que é o seu comum denominador moral. Cada sociedade tem opiniões acatadas pela maioria, verdadeiros decálogos que regulam a conducta dos individuos. Essas opiniões constituem a moral efectiva.

A opinião da maioria estabelece o criterio inadaptavel da moralidade. Aferrada a seus principios, é natural que seja ortodoxa em materias que podem perturba-las. Considera moral ou imoral toda ideia ou conducta conforme aos costumes comuns ou toda ideia que se afasta da rotina colectiva, em qualquer sentido. A maioria considera sempre imoral a conducta de u'a minoria, sem prejuizo de que os valores morais se invertam, quando esta consegue impor as suas opiniões.

*
* *

Em cada sociedade a moral domestica está representada por um conjuncto de normas coercitivas, que limitam o direito de amar. Seu desenvolvimento apresentou duas grandes fases, das quais uma corresponde a uma organização da familia matriarcal, e a outra a instituição do matrimonio patriarcal. A' medida que variavam as condições de existencia de cada sociedade, foram-se transformando as opiniões colectivas sobre a moral sexual e familiar, impondo-se certas regras de conducta individual que as classes dirigentes trataram de formular como dogmas, pela boca de seus teólogos ou de seus filósofos. Cada sociedade, em suas diversas épocas de desenvolvimento, teve numerosas morais domesticas, embora em cada momento considerasse que a actual era eterna inaperfeiçoavel. As relações inter-conjuagias, a entre ascendentes e descendentes, entre os consaguineos e colatarais, variaram tanto como as formas basicas da familia e do matrimonio. Compreende-se que a opinião da maioria tenha sido variavel a esse respeito, engendrando multiplos matizes de moralidade

domestica. E é forçoso que, em meios e épocas distintas, se conceptuassem morais ou imorais certos factos, segundo sua adaptação ao incessante mudar dos costumes.

*
* *

A formação natural da moralidade domestica seguiu, em seus começos, as variações da organização familiar. E' verossimil que antes de constituirem-se grupos familiares estaveis, as primitivas relações sexuais engendrássem costumes adequados á conquista reciproca de melhores conjuges, preferiveis, como tais, no momento oportuno para a fecundação. A norma de conducta imposta pela natureza, dado que não existia opinião social, era triunfar sobre os rivais, pelo combate ou pela sedução. O amor regia a luta entre os sexos e seus resultados selectivos não eram perturbados pela domesticidade.

*
* *

A variação das condições de existencia impoz uma associação dos pais para criação dos filhos, constituindo-se grupos consaguineos, de tipo matriarcal, em que os homens cooperaram ao sustento de lares dirigidos pelas mulheres. Esses costumes determinaram opiniões colectivas que deram mais valor social á estabilidade do grupo familiar, do que ao amor entre os dois conjuges. A moral domestica achou util, justo, desejavel e moral que os individuos se assossiassem para a criação dos filhos. Entretanto, considerou nocivo, injusto, indesejavel e imoral que os individuos se amassem sem contrair a obrigação ulterior de criar os filhos. Desde que se constituiu a familia, todo amor que não teve uma ulterioridade domestica deveu considerar-se imoral.

Foi conveniente e logico que a moral domestica desclassificasse o amor, em beneficio da

domesticidade. O interesse social requeria que os reproductores criassem a seus filhos, sem averiguar se os conjuges continuariam a se amando passado o momento em que os engendraram. O direito de amar só foi respeitado quando o acompanhava o dever de criar a prole. Todo amor sem deveres domesticos foi reprovado, execrado, perseguido. Os valores morais se definiram cada vês melhor: a domesticidade foi uma virtude e o amôr um vicio. E quando as sanções atingiram uma expressão religiosa ou juridica, o amor não condicionado pela domesticidade, converteu-se de imoralidade em pecado e de pecado em delicto.

Quanto mais complexa se tornou a estructura do grupo social, maiores se tornaram os encargos da criação da prole, pois a adaptação social foi mais extensa e se transformou em educação. Paralelamente a estas condições de fácto, as opiniões colectivas se transformaram em sentido cada vez mais favoravel á domesticidade e mais hostil ao amor. A primitiva familia matriarcal, que extendia ao homem os deve-

res da criação e os sentimentos desenvolvidos sobre o Instituto Maternal, limitou a ação selectiva dos sentimentos brotados do Instincto Sexual.

*

* *

Quando as condições de existencia permitiram a substituição do matriarcado pelo patriarcado, reduzindo a mulher á escravidão nas relações domesticas, uma profunda modificação se operou nas opiniões e a moral se acomodou ao matrimonio patriarcal, fundado na propriedade privada masculina.

O matrimonio foi um rejime de relações entre homem e mulher. Cada sociedade teve opiniões sobre o matrimonio e o submeteu á sua moral. Não bastou já que o homem se domesticasse, isto é, que subordinasse seu amor aos deveres de familia. Foi necessario que aceitasse esses deveres na fórma estabelecida pelos costumes, a sociedade, a religião, ou a lei.

A moral domestica converteu-se em moral economica. Mais que a proteção dos filhos, interessou o cuidado do patrimonio, que incluia a propriedade sobre as mulheres e os filhos. Foi u'a moral de proprietarios, que cuidava os interesses do amo sobre as escravas, fossm filhas ou esposas. Esta moral foi uma negação radical do direito de amar, da mulher. A sociedade continuou impondo aos homens a domesticicidade, como limitação do amor. Os homens, ao impor a escravidão ás mulheres, trancaram-se toda possibilidade de amar.

A luta social contra o amor, iniciada pela moral da familia, foi agravada pela moral do matrimonio.

*
* *

Esta moral variou, consideravelmente, através das multiples fórmas que o matrimonio revestiu, dêsde as suas origens até os nossos dias.

O rapto, a compra, a sanção social, o reconhecimento religioso, o contracto civil, foram acompanhados por diversas opiniões sobre a conducta dos conjuges. Compreende-se que, em pleno rejime poligamico fôra alheia a toda sanção moral, a infidelidade dos homens, ao mesmo tempo que era imoral e delituosa a infidelidade das mulheres. E quando já o matrimonio era para estas, moralmente, insoluvel, os homens se reservaram o direito do repudio. A moral das classes privilegiadas tolerou sempre a poligamia, emquanto para as classes pobres já regia uma severa moral monogamica. Quando a monogamia se extendeu a todos os homens, a opinião dos mais acatou as sanções religiosas e juridicas que converteram o matrimonio em um compromisso reciproco de fidelidade e cooperação domestica permanente. Porem, na pratica, os homens de condição privilegiada conservaram o direito de uma poligamia vergonhosa, que lhes permitiu a infidelidade com as suas concubinas.

Sendo os homens que imperavam na sociedade, os costumes e a moral foram rigorosos

com os escravos. Amar antes e depois do matrimonio, foi sempre uma imoralidade. Mais, ainda: foi um delicto contra a propriedade; dos pais, se solteiros; dos maridos, se casados. Tambem se considerou imoral ao seu cumplice, que roubava o amor sem casar-se. Amar contra a vontade de seus amos, olhou-se, sempre, na mulher, como um acto anti-social e de rebeldia.

Essa situação era absoluta quando as esposas eram raptadas ou compradas por um homem que adquiria sua propriedade exclusiva ou vitalicia. A primeira liberação das mulheres foi um privilegio de casta. Os homens de posição ou fortuna transferiram suas filhas aos maridos, sob certas condições que atenuaram sua escravidão e implicaram em direitos reais. As mulheres de qualidade ocuparam uma situação privilegiada na familia poligamica, que foram as unicas esposas social e legalmente respeitaveis, verdadeiras socias no lar. Seu principal privilegio foi a exclusividade e a indissolubilidade do matrimonio, para defendê-las contra a volubilidade do matrimonio e o repudio do marido, que, assim,

viram consolidar-se os deveres da domesticidade.

*

* *

Essas condições contractuais se extenderam á instituição mesma do matrimonio, recebendo, successivamente, as sanções religiosas e juridicas que apresentam nas sociedades cristãs. A nova moral adecuada a essas condições continua sendo a do homem proprietario, como pai ou como esposo. Seus dois pilares foram a castidade das solteiras e a fidelidade das casadas, que em todas as leis penais foram amparadas por penas contra a fuga e o adulterio. Embora mitigada em algumas legislações contemporaneas, essa situação continúa prevalecendo na moral do matrimonio monogamico actual, que condena o amor nas mulheres, fóra das condições legais estabelecidas para o matrimonio.

O desenvolvimento historico da familia e do matrimonio mostra-nos uma progressiva li-

mitação do direito de amar, isto é, de escolher um conjuge individual para a reprodução. Entanto, o valor do sentimento domestico cria a medida da estabilidade da união conjugal, que o matrimonio monogamico de alguns povos crístãos chegou a conceber-se como uma união indissoluvel e exclusiva.

A DOMESTICAÇÃO PARA O MATRIMONIO

A moral social proibe a homens e mulheres amar fóra do matrimonio, o que é o mesmo, impõe o dever de os obrigar a constituir familia, para sempre, com expressa proibição de amar depois.

Esse dever do matrimonio é um sacrificio do individuo singularmente exagerado pela monogamia. Em uma sociedade poliandrica ou poligamica se consideraria como um castigo ser marido ou mulher unica na familia, suportando, só, todo o peso dos deveres domesticos.

Esses deveres são limitados nas sociedades primitivas. Reduzida a vida a necessidades vegetativas, a criação é um passatempo para os pais, que não têm coisas muito graves em que pensar nem que fazer fóra de trabalhar para comer e

coabitar, para se reproduzirem. Porém, quando se civiliza a vida social e se eleva a mentalidade dos conjuges, os deveres aumentam em uma progressão desproporcionada com os beneficios da domesticidade, convencendo-se em uma limitação da vida espiritual e social.

Quando o matrimonio chega á monogamia exclusiva e perpetua, a gravidade dos deveres é tão grande que constituem uma escravidão reciproca. E' concebivel que nenhum individuo se casaria, por muito enamorado que estivesse, ante o proprio preço que a sociedade põe á satisfação do seu amor. O sacrificio á domesticidade é total. Impõe o dever de formar uma familia até a morte, para satisfazer ao desejo actual. Não se concebe limitação mais absurda á personalidade. Se á mulher ou ao homem que desejasse comer u'a maçã, lhe impuzessem por condição comer, exclusivamente, maçãs, até a morte, não aceitaria hipotecar dessa maneira o seu futuro. No entretanto, um contracto similar lhe parece aceitavel tratando-se de amôr, que não póde ser satisfeito moralmente sem aceitar o

monstruoso contracto de matrimonio exclusivo e indissoluvel. Essas condições não são favoraveis á selecção sexual e coarctam ao individuo o seu direito de amar. Cada conjuge fica condenado a continuar fazendo filhos com o ser eleito pela primeira vês, na mais inhabil das condições possiveis. Se o conjuge muda eugenicamente, o interesse da familia obriga-o a suportá-lo. Não ha direito de rectificar o erro possivel, embora se depare com outro conjuge que responda melhor ao ideal proprio.

Essas circunstancias apresentam problemas terriveis. O prazer de engendar um filho com o ser preferido em um dado momento, merece o respeito da escravidão domestica, o compromisso de não desejar no futuro nenhum outro conjuge para engendar outors filhos· a obrigação de não amar mais, nunca mais por haver amado já uma vês? E se o conjuge envelhece? E se é esteril? E se contrai enfermidades repugnantes ou transmissiveis á prole? Se troca de caracter, degenera ou enlouquece? Como aceitar que uma

escolha de amôr é infalivel e seus resultados irreparaveis?

E' concebivel que estas perguntas não sejam formuladas a cada instante, pondo de relevo a desproporção entre a promessa de prazeres transitorios com que seduz o amor e a certeza de permanentes deveres com que ata o matrimonio.

*

* *

As sociedades continuam existindo porque os individuos não medem as coerções do matrimonio monogamico indissoluvel e aceitam o sacrificio eterno de criar filhos em troca de uma fugaz satisfação de amor (concedendo que seja este que determine o matrimonio). A sociedade constrange os individuos para que cometam êsse erro, educando-os para o matrimonio, ensinando-os que, fóra dêle, todo amor é imoralidade. Para a sociedade é isso "mentira vital". Para

impô-la trata de aproveitar um fácto biologico instinctivo, a necessidade de amar, no momento da madurez sexual. E subverte o conceito do amor, adaptando-o ás necessidades da familia e há de ser prolifico, pois, de outro modo, o grupo social desapareceria. E que ha de ser eterno, porque convem que a união conjugal seja indissoluvel dada a duração da educação. Nada importa a sociedade sacrificar a personalidade dos pais. Seu unico interesse está na criação dos filhos.

Se os individuos podessem advertir que, ao contrair matrimonio sacrificam sua personalidade individual á sociedade, os enamorados resistiriam a formar familia por mutuo respeito. Nenhum, mulher ou homem, aceitaria uma prova de amor que significasse imolação. Limitado o direito de amar pela exclusividade e pela perpetuidade, é provavel que os individuos mais eugenicos se subtraissem á reprodução. Seria natural e lógico que homens e mulheres renunciassem a amar, para não aceitar até a morte as cargas da domesticidade. As pessoas inteiramente "razoaveis" prefeririam a castidade ao amor.

Ficaria para os cretinos e os insensatos a tarefa de suportar os penosos deveres de criar e educar filhos, o que todos os pais consideram "sacrificios", embora alguns hipocritas os chamem "encantos", para não passar por sonsos.

Felizmente — do seu ponto de vista — cada sociedade possue crenças colectivas adaptadas a suas necessidades e conveniencias, que lhe permitem sacrificar o interesse individual ao interesse social. A moralidade, adecuada aos costumes e opiniões da maioria, impõe o dever de casar-se para sempre como condição para amar no momento da madurez erotica, preparado no inconsciente pelas necessidades instinctivas.

Estas necessidades instinctivas não requerem explicação. Há idades, periodos, momentos, em que o organismo, embriagado pela sobreactividade de suas funções sexuais, influe sobre a mente para afastá-la do sereno juizo, fazendo desejar, com veemencia, um sacrificio que, friamente, não haveria aceite jamais. E' provavel que a maioria dos individuos de ambos os sexos

se decida a formar familia com quem aceita a propor-se-lhe no momento oportuno.

Chega quasi sempre êsse momento oportuno para que os individuos, já domesticados pela educação, perdam a pouca lucidez de juizo que poderia faze-los resistir ao grande holocausto de si mesmos. Esse eclipse da razão basta para que os individuos se "comprometam", como diz a linguagem vulgar, com expressiva exactidão. Indefesos, ficam prisioneiros da maquina social. Ao chegarem á madurez erotica estão domesticados para amar "moralmente", isto é,, para aceitar as condições do matrimonio como a unica forma moral do amor.

De acordo com as suas opiniões colectivas aprisiona a mentalidade do individuo, associando, estreitamente, os conceitos de amor e matrimonio. Costumes, sentimentos e ideas convergem a que a educação, desde a criancice, subordine o sentimento individual do amor ás conveniencias sociais da familia.

*

* *

Essa domesticação é fácil na imensa maioria dos homens e das mulheres, por sua carencia de personalidade individual bem caracterizada. Os mais se conformam com a pressão social que os modela desde a infancia. Aceitam a familia e o matrimonio como a sua situação mais comoda dentro da sociedade. Talvês, em rigor, não concebem, siquer, que um individuo sensato possa pensar de outro modo. Nessas condições o ideal de cada um consiste em contrair matrimonio com um conjuge ao gosto dos demais, isto é, que mereça a aprovação do meio social que o rodeia. A mentira organizada tem como resultado substituir a escolha do conjuge segundo o proprio ideal eugenico por uma escolha adecuada ás conveniencias sociais, o impulso de amôr pelo contracto de matrimonio, o ideal de amante pelo ideal de criador. Porem a mentira não seria vital se a educação não conseguisse que se

continuasse chamando amor ao desejo de matrimonio, subvertendo o conceito mesmo do amor.

Aprisionados pela moralidade propria de seu meio, os individuos acomodam seus valores eroticos aos valores matrimoniais, substituindo a ilusão de amor pela ilusão domestica. A educação os leva a considerar que a personalidade social dos pais se dilata na domesticidade, crecendo em proporção ao numero de filhos e á duração do matrimonio. Como resultado dessa sugestão considera-se que o amor "verdadeiro", o unico amor "moral", é o que se comprova contraindo a obrigação de criar filhos até a morte. O individuo que se resolve a dar essa prova tem a sua ilusão domestica assim formulada: o ser proferido como conjuge nêsse momento continuará sendo digno de amôr até a morte. Suas condições eugenicas como reproductor se conservarão para a procreação de todos os futuros filhos. Seus atractivos espirituais persistirão, indefinidamente, através da vida conjugal. Se a ilusão domestica não implicasse esses três erros,

nenhuma pessoa se decidiria a aceitar o matrimonio monogamico indissoluvel.

Trata-se, pois, de u'a "mentira vital" indispensavel para a prosperidade da sociedade, pois, sem ela, o homem e a mulher não afrontariam os deveres familiares que toda gente chama, correntemente, "sacrificios". Graças a essa ilusão atribue-se um falso valor ás vantagens de possuir em matrimonio ao ser amado, como se fosse esposo permanente sinonimo de amante actual. Essa ilusão faz considerar desejavel a propriedade absoluta de um ser que, de certo modo, representa uma esperança de felicidades relativas e transitorias. Se na hora decisiva a razão fizesse essa pequena diferença, ninguem aceitaria os deveres domesticos. A ilusão serve, pois, para vencer o temor do sacrificio (3).

---

(3) Psicologicamente, a ilusão domestica é uma percepção erronea, que induz a julgar, como um amante eugenico eterno a un individuo do sexo opposto, que a opinião dos demais permite aceitar como conjuge familiar permanente. Sonha-se como Romeu, ao aceitar o anel de Tartufo; delira-se com Julieta para enredar-se com a Bovary.

*
* *

As vantagens que o matrimonio traz aos individuos bem domesticados são imensas e oferecem grandes probabilidades, de um bem-estar compativel com a felicidade. O simples labrego forma sua familia com a filha do vezinho, amigo de seu pai, quando os dois velhos nada resolvem. Para êle, como não há amor, nem ilusão, não póde haver tédio nem decepção. Casa-se como um animal domestico, a quem seus amos proporcionam conjuge, encantado com o manjar oferecido a seu apetite. Acatado o matrimonio como um dever social, assim como o pagamento de impostos ou o serviço militar, é compativel com a felicidade dos conjuges. Os que se unem para formar uma familia e criar filhos sabem que o lar é permanente. Encaram o seu assumto sem outra perturbação amorosa, que o natural desejo aceso pela esperança de satisfazer uma fome organica. O matrimonio, com efeito, responde a essa espe-

rança, em condições que reunem o prazer, a economia e a comodidade. Ante essas vantagens ostensivas compreende-se que a maioria dos homens e das mulheres constitua uma familia. Esse proceder é moral e a aprovação alheia faz aceitaveis os deveres domesticos. A educação eliminou os ultimos escrupulos imaginativos, sugerindo que o matrimonio é a realização do amor, dêsse misterioso amor que sempre se ouviu louvar, e que, por estar proibido, se sonha como a felicidade suprema (4).

A constituição de uma familia, de acordo com as normas vigentes para o matrimonio, é um ácto de disciplina social, rigorosamente condicionado pelas conveniencias domesticas e so-

(4) Para que o engano dos individuos seja mais perfeito, o sentimento de domesticidade costuma ser disfarçado com o nome equivoco de "amor conjugal". Este sentimento nada tem a ver com o amôr, assim como com o amôr maternal, fraternal, filial, etc... Trata-se de perigosas extensões que escurecem o conceito. O amôr conjugal é um sentimento de solidariedade e cooperação, entre os conjuges, para maior beneficio dos filhos. E' a domesticidade, estrictamente, que já ensinamos a distinguir do amôr.

ciais. Casar-se "bem" significa submeter-se á opinião da maioria, restringindo, extraordinariamente, em cada caso, o circulo dos possiveis conjuges oferecidos á escolha individual.

Para que essa escolha seja acertada, não é necessario que interfira o amôr. E, ainda poderia dizer-se que êle constitue um serio elemento de perturbação. O ideal da domesticação é o matrimonio sem amor, por clara e meditada conveniencia, um matrimonio que m e r e ç a a aprovação unanime dos demais, um contrato social em que as duas partes possam considerar-se satisfeitas, diante da opinião publica.

A sociedade, enfim, premía o acto de disciplina. O estado matrimonial está circundado por um serio ambiente de respeitabilidade. Os casados desfrutam de certa consideração, que, para os mais, importa num gráo de felicidade não desprezivel.

A moral social estabelece a pura e simples moralidade de todo o amor, que não se adapta ás condições da domesticidade. O homem, pa-

ra amar moralmente, deve comprometter-se a aceitar os deveres proprios da vida familiar. A mulher, além disso, tem que aceitar a condição de escrava dentro do matrimonio. O homem está submetido á sociedade. A mulher, á sociedade e a seu marido.

Todo sentimento de preferencia guiado pelo instinto sexual — todo amor puro —, é visto como uma indisciplina ou como uma rebeldia se não tem fins domesticos e não merece a aprovação social. Amar é uma imoralidade, diante da moral que serve ás conveniencias de todos contra os sentimentos de cada um. Amar é um pecado, diante dos dogmas religiosos que pretendem cimentar a moralidade em mandamentos transcendentais. Amar é um delito diante da lei que protege a propriedade, dos homens sobre suas esposas e filhas. Quem ama sem acatar as normas impostas pela opinião da maioria está fóra da lei, é um **out-law.** Quem ama sem o proposito de contrair matrimonio, porque não póde, ou porque não quer, é um simples ladrão do proprietario, que dá a esse roubo o nome especial de **sedução, rapto** ou **adulterio.** A adaptação á domesticidade, trouxe a desclassificação social do amor indomito.

Êsse rigoroso criterio moral, não impediu, no entretanto, que alguns individuos violassem as limitações impostas pela sociedade ao direito de amar. Alguns amam sem constituir uma familia regular. Outros o fazem fóra da familia já constituida. Nêles o Instinto Sexual, não anulado pelo Instinto Domestico, reaparece como uma supervivencia atavica. Há solteiros "viciosos" que não estão domesticados, e casados "infieis" que violam a domesticidade, sobrepondo ao convencional fantasma de esposo, seu instinto ideal de amante. (5).

(5) Entenda-se bem que o sentimento de amôr é uma necessidade espiritual, muito distinto das necessidades materiais que o matrimonio permite satisfazer com regularidade. As aspirações sentimentais, intelectuais, estéticas, relacionadas com o ideal, são as que podem ficar insatisfeitas. O matrimonio é uma organização comoda para o equilibrio do organismo. O amôr, no entretanto, é uma tendencia selecionadora do espirito, não satisfeito pelo raciocinico quantitativo. Os sedutores e os infieis não o são para desafogar mais seus organismos, mas pelo desejo de procurar conjuge que satisfaça as tendencias atuais da sua imaginação. Amar é rebelar-se contra a tirania social, que subordinou o amôr á domesticidade.

Todos os que amam fóra do matrimonio são amantes verdadeiros : as donzelas que fogem, os galans que seduzem, os conjuges infieis. Esses amores "contrariados" ou "ilicitos" são actos de indisciplina contra a moralidade ambiente. Os que se casam "mal" são verdadeiros enamorados que se rebelam contra a domesticação. Nêsses temperamentos a coerção social exalta o amor e engendra as paixões, que são sempre uma luta desesperada contra os convencionalismos da domesticidade.

O matrimonio é uma fonte de soffrimentos infinitos para os que, sem estar domesticados, o aceitam no momento de cegueira, sem ter presentes os deveres familiares e sociais que a moral lhe associa. A aceitação de um laço exclusivo e indissoluvel, é, neles, um acto insensato, uma renuncia absurda de algo irrenunciavel, uma promessa do cumprimento impossivel. Cêdo ou tarde sua imaginação se reaviva ao calor do instinto, e procuram encontrar o amor fóra da domesticidade. Então a opinião da maioria os acossa, os bloqueia, os persegue. Quem

aceita o matrimonio deve suportar suas consequencias até a morte. Se um desejo nasce, se aflora uma esperança, se a intenção ousa romper os véos da moralidade, a vida se converte numa tragedia de silenciosos esforços para matar o sentimento ou em uma guerra desigual, de morte, contra a moral ambiente.

Todo o verdadeiro amôr que perturba as conveniencias sociais coloca ao amante, ante a opinião social, nas mesmas condições em que está o delinquente ante a lei penal.

DEFESA DA MORAL PELA HIPOCRISIA

A experiencia parece haver demonstrado que a moral domestica será violada, enquanto continue havendo pessoas em quem o amor seja mais forte que a domesticidade. Forçoso é reconhecer que a imoralidade de amar continua perturbando as conveniencias da familia e do matrimonio. Seria impossivel impedir que os solteiros amassem antes do matrimonio e os casados fóra dele. Ante essa realidade, a opinião da maioria aceita uma transação : os desvios são consentidos, sempre que se salvem as aparencias. Os bons costumes saem da moral para entrar na hypocrisia. A moralidade se reduz ao respeito formal dos principios e instituições sociais. Em tróca déssa obediencia teorica, permite-se a mais absoluta imoralidade prática.

Não podendo defender a moral, a sociedade acentúa a sua defesa da hipocrisia. O respeito ás aparencias se converte em culto. Com a excepção dos paes, ninguem tem direito de perguntar aos solteiros, de ambos os sexos, o que fazem, sempre que o façam á sombra, evitando as consequencias que possam produzir escandalo. Com excepção de seu conjuge, ninguem pode impedir que os casados amem fóra do matrimonio, sempre que guardem linha. A sociedade encobre os hipócritas. Concede que o amor é um direito. Mas exige que se respeite a domesticidade. E o exige com imperio. E quem se atreve a fazer visivelmente o que só é toleravel á sombra, é repudiado como um sarnento. Excluido, perseguido. E cem vezes com mais sanha, se é mulher.

O "cant" ! o Tartufismo britanico aperfeiçou a instituição protetora da hipocrisia. E' preciso ler a Byron e a Bernard Shaw. O "cant" é a obra mestra da disciplina social, para defender as mentiras convencionais da domesticidade. E' o respeito supremo dos interesses criados

em torno da familia e do matrimonio. E' a policia dos principios morais, a guarda de honra dos bons costumes. Quando um par de iludidos noviços descobre que cairam na mentira do matrimonio, a sociedade que o rodeia mostra-lhe os caminhos da regeneração: a querida, o amante. Porém, tambem, avisa-o que devem salvar as aparencias, respeitando os idolos da domesticidade. Assim se chega á situação dos conjuges que vivem separados, sob o mesmo tecto, sem dirigir-se palavra quando estão sós, tratando-se com carinho em presença dos demais.
Quantos são? Ninguem pode precisal-o, embóra todos conheçam um caso.

A defesa das aparencias, é, sem duvida, eficaz. O "cant" desempenha a sua função social. Para cada conjuge infiel que dá escandalo há cem que conseguem evital-o. E' notorio que a infidelidade é frequente nos homens casados, cuja monogamia legal está mitigada pela poligamia prática, especialmente se são ricos. A moral não lhes proibe ter amantes, contanto que não as exibam. As mulheres casadas tem, frequente-

mente, uma abnegação de escravas que as leva a guardar fidelidade a seus maridos infieis. Tão rigorosa é para elas a sanção social, que vivem intimidadas, com o consôlo de chamar virtude ao seu terror. São muitas, contudo, as que conseguem amar fóra do matrimonio, e evitar que se saiba, o que lhes resulta menos difficil do que supunham, quando se decidem experimentá-lo.

*

* *

A imposição social dos deveres domesticos está coadjuvada pela desclassificação moral do celibato, considerado como uma falta de "respectability". Considera-se vergonhoso que um homem não haja sentido a necessidade de escolher mulher para constituir familia matrimonial. E não ha maior vergonha para u'a mulher, do que não haver conseguido capturar um homem, para êsse fim. Presumem-se no homem desagradaveis deficiencias, e na mulher humi-

lhantes inferioridades. Os solteirões estão moralmente depreciados, como se houvessem incorrido em delito, ao não carregar com a sua parte de sacrificios para a conservação da sociedade.

Os que gemem sob o peso dos deveres domesticos, conspiram e se mancomunam contra os que não os contrairam. Ha esposas infelizes, que vivem tecendo noivados para as solteiras. Ha maridos enganados, que emprestam dinheiro para que os seus amigos celibatarios se casem. A luta contra o celibato é uma das formas subrepticias da hipocrisia social. Os casados e os celibatarios constituem dois bandos inimigos na sociedade. Não lutam de cara descoberta, mas com a mascara da moral. Entre os casados existe um convenio tácito, verdadeira união sagrada, para conservar em silencio seus sentimentos. Estão de acordo em calar os sacrificios da vida domestica, para centuplicar os seus encantos. Os que mantiveram muitos anos a cura das almas, como sacerdotes ou como medicos, conhecem pavorosos dramas intimos que não respi-

ram para fóra. Nenhum casado póde opinar, publicamente, com sinceridade, pois teme a desclassificação que lhe adviria ao trair o segredo da cumplicidade geral.

A hipocrisia organisada dos casados é muito util para a catequização dos celibatarios, que, por sua condição mesma constituem um perigo para a tranquilidade domestica, embora, ás vezes, como seus preciosos auxiliares. Cada casado considera mais toleravel sua propria submissão, trabalhando para que todos se submetam, seduzindo aos insubmissos. Nunca mais veridico foi o proverbio que diz ser o mal de muitos, consôlo de todos. E, nunca, mais de acordo com a moral, tratando-se da domesticidade.

IMPORTANCIA ECONOMICA DA HONRA FAMILIAR

A moral domestica da familia patriarcal sancionou a "imoralidade" de todo amôr, que implicasse um desconhecimento da propriedade dos homens sobre as mulheres. Para os homens o direito de amar ficou limitado pelo dever da domesticidade. Para as mulheres esse direito foi anulado totalmente, quando o matrimonio as colocou em situação de escravidão.

As solteiras foram propriedade de seus pais. As casadas, de seus maridos. Propriedade sem limitações, como um punhal ou uma cabra. Os homens podiam vender, alugar, emprestar ou ceder suas mulheres, sem que isso lhes afetasse a moral. A honra e a deshonra foram valores morais estrictamente relacionados com a propriedade privada masculina.

A castidade dos celibatarios chegou a considerar-se como a unica garantia de respeito á propriedade dos pais. A fidelidade das casadas converteu-se em condição tutelar da propriedade dos maridos. A honra das mulheres consistiu no acatamento do direito de propriedade; a deshonra, em viola-lo. Era deshonra para a filha dispôr de um bem que pertencia a seu pai, era-o para a esposa, dispôr de seu proprio corpo sem consentimento de seu marido. Se o uso ilicito era voluntario, a deshonra representava um verdadeiro roubo. Se meramente ocasional, implicava numa imprudencia grave.

A situação do homem diante da honra das mulheres alheias era similar. O que usava do bem de uma donzela, sem o consentimento de seus pais, cometia um roubo gravissimo, se cometido com violencia, e atenuado se era consentido pela guardadora do bem. Quem usava do corpo de uma casada, contra sua vontade manifesta, era culpavel de roubo sem atenuante alguma. E, apesar disso, se a depositaria da honra consentia em perdê-la, o homem era mais

bem cumplice do que autor. Todas estas imoralidades foram consideradas delitos graves contra a propriedade, pois implicavam abuso de confiança. E de tal gravidade que o uso autorizava a victima a fazer-se justiça por suas proprias mãos, tratasse-se de roubo intencionado, de cumplicidade ou de simples imprudencia.

O curioso consistiu em que a sanção social da deshonra afectava, por igual, aos delinquentes e ás victimas. O pai — e ainda toda a familia — ficavam mais ou menos deshonrados quando uma filha perdia a honra : o marido, por sua vês, se a perdia a esposa. Como explicar esta aparente injustiça? Se não eram culpaveis de um delicto alheio, porque a sociedade extendia sobre êles a sua sanção moral, castigando-os com o estigma da deshonra?

A sociedade fês deste assumpto privado uma questão de principios, que afectava ao direito mesmo da propriedade privada. Do ponto de vista da opinião publica, os pais e maridos burlados, se culpaveis de imprudencia. A socieda-

de lhes confiou a sagrada custodia dos bons costumes e faltaram ao seu dever ao permitir contra a sua propriedade privada, um delito que constitue um máo exemplo ou um estimulo para que se atente á propriedade dos outros. Para a moral social um proprietario burlado equivale a uma centinela que dorme em seu posto, deixando passar o inimigo, ou um agente de policia que, por descuido, deixa saquear um banco. Justo lhe parece, pois, que a deshonra caia tambem sobre o que, por dissidencia ou inepcia compromete os interesses creados em toda a casta dos proprietarios. (6)

(6) A deshonra pela infidelidade do conjuge é um sentimento de humilhação, analogo ao de ser victima de um roubo. A sanção social do ridiculo já existia quando era costume que o marido vendesse, alugasse ou emprestasse suas esposas. Mostrava-se piedade pelo cornudo, como por um pobre diabo que deixasse escapar de sua chacara a um cavalo ou a uma galinha. Ao demais, a infidelidade da mulher demonstrava a falta de respeito a seu amo. Porisso, o cornudo era considerado um homem pouco respeitavel. Em realidade, poucos homens se afligiriam de ser cornudos se não existisse a sanção do ridiculo. Contados são os que se ofenderiam de sê-lo, se absolutamente não se soubesse. Isso não póde surpreender, se se pensa que muitos são felizes, embora se saiba muitos vivem de seus preciosos ornamentos.

* * *

Ao confiar a policia da moralidade aos pais e aos maridos, a sociedade deu-lhes atribuições preventivas e punitivas. A opinião publica e as leis escritas estiveram a serviço dos homens, para custodiar a castidade e a fidelidade, convertidas, pelo costume, na virtude essencial das mulheres, na virtude unica, por antonomasia. Todos os outros defeitos, incapacidades e vicios pareceram desculpaveis nas mulheres, que respeitavam a propriedade privada de seus pais e maridos, a ponto de bastar essa condição unica, para que uma mulher se considerasse "virtuosa" e de negar-se qualquer "virtude" á que dispunha de si mesmo contra a vontade do amo. O matrimonio estabeleceu os valores proprios de u'a moral de escravos.

Ao passar da poligamia á monogamia não variou, em sua essencia, a moral do matrimo-

nio. Os homens continuaram zelando com cuidado a sua propriedade, da mesma maneira. A sociedade augmentou sua responsabilidade individual na policia dos costumes. Por outra parte, a gravidade dos delitos contra a honra foi crescendo, a medida que a herança dos bens privados aumentou a importancia de controlar a legitimidade da filiação.

REBELIÃO DO AMOR CONTRA A MORAL DOMESTICA

A familia monogamica patriarcal aperfeiçoa suas engrenagens nas sociedades cristãs, conseguindo as suas mais rigidas formas na Idade Media. A moral domestica se acomoda, rigorosamente, ao direito de propriedade dos homens sobre as mulheres. Os meios de prevenção e de repressão, contra o amor, refinam-se, obsedando-se pais e maridos, em sua luta contra o "pecado". O natural desejo de amar chega a ser interpretado como uma tentação do demonio.

Os homens inventam cortinas, venezianas, clausuras, muros, torres, conventos, retiros pudicos, sem prejuizo de aceitar, como policia preventiva, a confissão auricular, ainda a risco de que a intimidade do confessionario opere milagres de consôlo, sobre as mulheres famintas de amor.

O medievo cristão marca o apogeo da tirania masculina e assiste á rebelião das escravas. Filhas e esposas lutam a reconquistar seu direito ao amôr. As filhas lutam contra os pais, que as transferem, em propriedade, a um novo amo, reclamando o direito de escôlher marido. As esposas lutam contra os maridos escolhidos por seus pais, reconquistando, fóra do matrimonio, o seu direito de amar. Luta tragica e desigual! Cada amôr não consentido pelos proprietarios tem, em seu desfavor, a opinião da maioria; é uma simples imoralidade.

O perigo atrái. E' a lenda do fructo proibido. Encanta por si mesmo o amôr, porque, para êle empuxa o instincto, não extinguido pela domesticidade. Porém encanta mais porque a imaginação juvenil borda em seu redor mil quimeras e ilusões. A rebelião se manifesta primeiro como platonismo, poesia erotica, galanteria cortezã, torneios, trovadores, culto de amôr.

Depois, pouco a pouco, aparecem cavaleiros andantes que apaixonam filhas contra a vontade

de seus pais e roubam esposas á vigilancia de seus maridos. As escravas sentem renascer seu direito de amar e dão ouvido aos sedutores que encantam com palavras de esperança e promessas de redempção. Contra o dogma da castidade conspiram galans, que sobem balcões, falsificam fechaduras, pulam muros e raptam donzelas. Os trovadores vão se tornando mais humanos e ao lutar pela honra de suas damas não renunciam á esperança de tirá-la. Contra o dogma da fidelidade surgem amantes, corajosos e audazes, que sabem expôr cem vezes a vida e a fortuna para redimir escravos, com tanto heroismo como o que punham os cavaleiros cristãos em redimir cativos em mãos dos infieis.

*
* *

A luta entre o amôr e a moral, no mundo cristão, está refletida, em toda a literatura dos ultimos seis seculos. As obras de imaginação, to-

mam o amôr como fundamento e o apresentam em luta desesperada contra a opinião da maioria.

A arte encarnou em dois tipos célebres a rebelião do direito de amar, contra a moral domestica patriarcal. As lendas de Romeu e de Dom João, embóra distinctas, são, igualmente, anti-sociais para suas épocas respectivas. Sua affirmação do direito de amar, expressa, em relação á moral reinante, uma pura e simples subversão dos costumes : a imoralidade de amar. Difere, no entretanto, o julgamento dos moralistas a esse respeito. Romeu é louvado, e Dom João execrado. A primeira lenda considera-se moral e a segunda imoral. Porque? A lenda de Romeu é um protesto contra as limitações sociais do amôr, a moral patriarcal e a escravidão das mulheres. Ataca a tirania dos pais, reclamando, para as filhas, o direito de casar-se segundo os ditames de seu sentimento de amôr. Porém Romeu quer casar-se com Julieta, e, para tanto, aceita a domesticidade da familia e do matrimonio. Embóra se subleve contra a moral patriarcal, aceita a moral religiosa do seu tempo. Re-

clama para Julieta o direito de amar. Porém se submete ás condições que a Igreja impoz ao amôr, para que seja moral. Além disso, Romeu é vencido pela tirania dos costumes. Todos dêle tem compaixão. A moral patriarcal triumfou sobre a moralidade dos pais e pôde mais que o amor dos filhos. A lenda é "moral" porque os principios tradicionais estão salvos : ninguem pode casar-se contra a vontade de seus pais. Enfim, a honra não foi manchada. Julieta leva para o tumulo o precioso adminiculo que dá fé da sua castidade.

A lenda de Dom João, seculos depois — ao mear o Renascimento ,— é de uma rebeldia moral audaciosa e completa (7).

---

(7) Gendarme de Bevótte, em sua excelente obra "A lenda de Dom João" explica, muito exactamente, porque a concepção do domjuanismo não nasceu senão em principios do seculo XVII. Antes dêssa época houve mulherengos e libertinos, com expressões literarias. "Dom João não é somente um homem que procura amores. E' tambem o defensor das leis naturais e dos direitos individuais contra as leis humanas e religiosas". Não é um simples mulherengo: "Dom João é, tambem e, sobre tudo, o campeão do direito de amar contra as proibições religiosas e morais. Só pode existir nas sociedades que proscrevem a liberdade do amor, que fa-

Dêsde o seu primeiro aparecimento, conseguiu vencer, cem vezes, o dogmatismo social, enganando pais e maridos, desflorando aqui donzelas, e por ali plantando côrnos. E' o Anjo Rebelde ao serviço do Instincto. O Diabo, lutando pelo amor. A lenda, inicialmente acreditou ser obrigado a condená-lo, já que conceber um Dom João impune haveria custado terriveis embaraços com SANTO OFICIO. Porem, andando os séculos foi-se rehabilitando, por picardia, por volteriarismo até que os romanticos do seculo XVIII fizeram dêle um apóstolo e um

zem deste, um ácto culpavel que só o autoriza,excepcionalmente, sob o duplo contróle do sacerdote e do magistrado". "Dom João é um homem assecatlado pelo amôr, em luta contra um deus que o proibe. No dia em que o cristianismo disse ao amante da carne: amaras em espirito; no dia em que, ao adorador da beleza feminina, os padres da Igreja lhe apresentaram a mulher como criatura corrompida e corruptora, o domjuanismo devia nascer como um protesto do instinto". Dom João suportou e sofreu durante a Idade Média. Com o Renascimento, saiu a correr mundo, quando uma nova filosofia reivindicou os direitos da natureza e da vida. "A Igreja se inquietou: eram seus dogmas, eram os principios fundamentaes de sua moral, os que estavam em jogo: Tomou, logo, suas posições de combate e travou a luta nos paizes de Inquisição... O perigo pareceu-lhe tão grande que recorreu, contra o rebelde, ao braço de Deus mesmo. Dom João foi objecto de cas-

reivindicador do direito de amar, que, nas mãos de Byron aparece já hereje, já cinico, denunciador de toda farça, anarquista, deante da familia e do matrimonio, impiedoso contra a hipocrisia social e contra o "cant". Compreende-se que tal lenda considere-se menos moral que a de Romeu. Nenhum dos dogmatismos, que fundamentam a domesticidade é respeitado por D. João. A propriedade dos pais e dos maridos, a subordinação do amôr á familia e ao matrimonio, os principios sociais e religiosos, tudo é achincalhado pelo burlador, que, afinal, tem a

tigo sobrenatural. No entretanto, não se deu por vencido. Entre ele e seus adversarios recomeçou, através dos paizes e das idades, e apesar de bons intentos de reconciliação, e durará tanto como o catolicismo". Porisso, o domjuanismo tardou tanto em aparecer. "Emquanto o homem pôde satisfazer, sem freios religiosos um instinto que o impelle a amar, Dom João não era mais que um macho mais vigoroso que os outros, que preenchia suas funções sociais obedecendo as leis da especie... foi distinguido dos demais e tomou consciencia de si mesmo, no dia que em que a relijião, exasperando o seu temperamento e pretendendo combate-lo, fez dêle um rebelde". "Dom João aparece no dia em que o macho, o individuo, se emancipa de toda a coersão coletiva. Simboliza o espirito novo, deante da tradição. Representa a filosofia do eu, a moral independente levantada contra a velha regra da submissão. (Vol. I — Cap. I.)

ousadia de apresentar-se como arquetipo de super-virilidade, em luta contra o tartufismo dos servis e dos domesticados.

O direito de amar, em Dom João, não aceita limitações. Diante dos interesses criados pela moralidade social, esse direito é desabridamente "imoral". Diante da hipocrisia organisada para domesticar os homens e escravizar as mulheres, o domjuanismo é uma purissima "imoralidade". Sendo, como é, um simbolo filosofico, não surpreende que as interpretações de Dom João expressem as duas opiniões correntes do tradicionalismo e da renovação da domesticidade e da rebeldia, do passadismo e do futurismo. (8). Porém, seja qual fôr o juizo

(8) "Para uns, Dom João surge como um idealista, victima da chatice da vida e das miserias da realidade. Esses tais o transfiguram, e subvertendo a moral da antiga lenda, justificam e exaltam as faltas e os crimes do Burlador, fazendo terminar em apoteose uma existencia de sofrimentos e de lutas. Outros continuam vendo em Dom João, um simbolo de força malefica, anti-social, o representante perigoso do individualismo e do egoismo". (Bevótte II, IX). Estas disparidades de opinião é tão natural como a diferença de temperamentos individuais e a domesticação. Sobre estas questões não coincidiriam nunca os admiradores de Leão XIII e os de Anatole France

moral que possa merecer a uns e a outros, Dom João se apresenta como o defensor da verdade "vital" do Instinto contra a mentira "vital" da sociedade, a verdade do amor contra a mentira da domesticidade.

*
* *

Os conceitos de "moralidade" e "imoralidade", só pode se conceber em função de um ambiente social em dado momento. Variadas as condições de existencia, é incessante a transformação de moralidades em imoralidades, e viseversa. A poligamia foi moral e é hoje imoral, assim como a poliandria, o infanticidio em massa, o desfloramento profissional e o aluguel da esposa. No entretanto, a monogamia foi imoral e hoje é moral, assim como o matrimonio das viuvas, a endogamia, a higiene sexual e o divorcio.

Dom João, como simbolo do direito de amar, rebelado contra a domesticidade, pode ter dois destinos morais muito diversos.

Se o amôr é uma força útil para a seleção da especie e torna a recobrar seu imperio na evolução humana, sobrevivendo ás formas actuais da domesticidade, o simbolo merece ser respeitado como germen de moralidade futura, destinado a uma feliz expansão, quando a presente moral domestica seja considerada como uma imoralidade. (9).

(9) Bernard Shaw escreve, a proposito da censura teatral: "Tudo que é contrario aos costumes e maneiras estabelecidas, é imoral. Não é forçoso que um ácto ou uma doutrina moral, seja algo mal. Pelo contrario, todo progresso do dominio do pensamento o da conducta, é, por definição, imoral, emquanto não cóntem com a maioria de seu lado. Por esta razão é da maior importancia que se proteja a imoralidade contra os ataques dos que têm *por norma unica o costume* e consideram todo o ataque ao costume — isto é, á moral — como um ataque á sociedade, á religião, e á virtude.

Um censor oficial, como o se quer estabelecer para as obras teatrais, não é, deliberadamente um protetor da imoralidade. Pende, sempre, á proteção da imoralidade. Com efeito, a moralidade é extremamente util, para a sociedade. Impõe uma conducta convencional á grande massa de pessoas que são incapazes de um julgamento ético original e que se extraviariam se lhes faltasse

Se o amôr é um residuo atavico de impulsos instintivos destinados a se extinguir no porvir, quando a domesticidade reine soberana e não seja perturbada pelo amor, o simbolo é uma supervivencia mística do passado, que desaparecerá á medida que o interesse social consiga excluir da reprodução esses resabios de individualismo ancestral.

O problema é simples. A mulher não se emancipará totalmente da escravidão patriarcal e não reconquistará o direito de amar? A maternidade social redimirá a ambos os conjuges da domesticidade e lhes devolverá o seu direito de amar, abolindo a exclusividade e a indissolubilidade do matrimonio? O matrimonio de amôr

os uias que os leisladores fizeram para êles, os filósofos, os profétas e os poetas. Mas a imoralidade não necessita da censura para sua proteção. Já fortifica, poderosamente, a maistratura e todo o corpo das leis. A blasfemia, a indecencia, o libelo, o engano, a sedução, a obcenidade, a profanação e todos os demais males que a censura destinou a prevenir, são puniveis pelo magistrado civil, com toda a severidade do prejuizo veemente. A moralidade possue, não só todos os instrumentos que os legisladores idearam para sua proteção, como, tambem, o peso enorme da opinião publica, reforçada pelo ostracismo social, que é mais

será preferido ao matrimonio de conveniencia? Nêsse caso o amôr, imoralidade de hoje, representará a moralidade de amanhã.

O amôr desaparecerá da terra e os indomesticaveis se extinguirão por inaptação social? O matrimonio de conveniencia fará desaparecer o matrimonio de amor? A organisação cientifica da reprodução, selecionará, artificialmente, os fecundadores mais aptos, de acordo com melhor compreenção dos interesses da descendencia? Nêsse caso, uma domesticidade aperfeiçoada representará a moralidade de amanhã, acentuando-se o carater imoral e anti-social do amôr.

Quão diverso, em ambos os casos, o destino de Dom João! Num caso seria veneravel co-

forte que *todas as leis*. Um censor que pretenda proteger a moralidade, é como uma creança que empurra os almofadões de vagão ferroviario para ter a ilusão de que está fazendo correr o trem a sessenta milhas por hora. E a imoralidade, não a moralidade, a que precisa de proteção. E' a moralidade, não a imoralidade, que necessita de freio. Pois, a moralidade, com todo o peso morto da inercia e da superstição humana, para deixá-lo cair sobre os ombros de quem vai adeante, do "pionner" e toda a maldade da vulgaridade e do prejuizo para ameaça-lo, é culpavel de muitas perseguições e martírios."

mo apostolo e precursor da nova moralidade fundada sobre o amor. No outro, seria aborrecivel como atávico representante de uma instividade, num meio social adequado á domesticidade.

INDICE

Prefação dos Editores 5

A moral domestica contra o amor 9

A domesticação para o matrimonio 25

Defesa da moral pela hipocricia 45

Importancia economica da honra familiar 53

Rebelião do amor contra a moral domestica 61

CULTURA MODERNA

APRESENTA A

"Serie Cultural"

OS GRANDES PENSADORES

Não é possivel pensar-se a serio fóra das linhas traçadas pelos mestres imortais do pensamento humano. Aqui reside a maior utilidade de ser filosofo: — ser o guia necessario, fatal e absolutamente imprescindivel de quem estuda honradamente. São verdadeiros fócos de luz, na ardua mas gratissima senda da cultura. E esta não se concebe sem os delinementos traçados pela relativamente pequena pleiade de eleitos, que fazem da humanidade um mundo cheio de esperanças.

A serie — "OS GRANDES PENSADORES" tem uma dupla vantagem: — ao lado da vida do pensador, sistematicamente exemplo de grandeza moral, de solidariedade humana e social, expõe-se, a traços rapidos mas seguros, o seu sistema cosmogonico, filosofico, social, politico, moral, artistico, critico e economico.

Já se vê o seu valor. E este evidente valor é a melhor recomendação da BIBLIOTECA — "OS GRANDES PENSADORES".

VOLUMES PUBLICADOS

I. — STO. TOMÁS. — E. Chiocchetti.

Escolhemos propositadamente a Santo Tomás para começar a serie de biogragias de **Grandes Pensadores** humanos de todos os tempos, todos os lugares e todos os quilates.

E' a maior cerebração mental da cristandade e a sua pujança de escritor, apezar dos muitos seculos que se escoaram do seu aparecimento, ainda os seus escritos expressam mocidade e vitalidade. E' a fonte maxima das justificativas filosoficas do cristianismo.

Pais cristão-catolico, o Brasil precisa conhecer Santo Tomás. E melhor informação sintetica não se lhe poderia apresentar do que este resumo luminoso de E. CHIOCCHETTI, expositor claro, lucido, feliz de pensamento tão complexo como é o do "Angelico Doutor". Foi em homenagem a um pensador imortal e á catolicidade brasileira que encabeçamos a nossa serie dos Grandes Pensadores, com o nome catolicamente insuperavel do "Anjo da Escola".

II. — ARISTOTELES. — Gompers e Zeller.

Duas autoridades consagradas na investigação da filosofia e da historia da filosofia gregas, foram escolhidas para conformarem o volume sobre a estupenda personalidade do filosofo grego. Em poucas, mas claras e firmes páginas, tem-se uma impressão nitida do que foi essa portentosa cerebração de pensador que tão alto levou o esplendor do intelecto helenico. A sua vida e a sua doutrina são esplanadas nas páginas deste livro, com tal firmeza e claridade, que por elas se pode ter uma nitida compreensão da filosofia do imortal peripateta.

III. — DESCARTES. — M. Leroy e P. Landormy

Vide em extremo interessante. Pensamento portentoso, revolucionario, inovador marcando uma época, limitando duas fases do pensamento humano. Eis Descartes. Quem quiser informar-se com claridade dessa filosofia que se coloca em posição excepcional dos fastos da tradição filosofica, leia as paginas felizes de bela exposição clara e segura que faz Landormy do célebre francês. São maravilhosas pela insinuancia com que as teceu o ilustre expositor do imortal filosofo. Na bibliografia formidavel do grande racionalista, que começa com Spinoza, o seu imortal expositor, é Landormy do mais de estimar pela fidelidade e transparencia de exposição. São precedidas da vida narrada com erudição e admiração por Leroy.

IV. — KANT. — V. Delbos

Continuando na publicação da serie acima, démos o numero quarto a Kant, o pensador excelso em quem muitos se acostumaram a ver a culminancia maxima da reflexão filosofica. Dada a profundidade do seu pensamento e a extensão das materias tratadas tão poderosa e originalmente por ele, Kant tornou-se um dos filósofos que mais tormentos causam aos que se preocupam com os eternos problemas de filosofia. A bibliografia sobre o celebre professor alemão é desproporcionada na Europa. Filósofo discutido com paixão, é uma especie de ponto obrigatorio de parada para todos os que se detêm nas preocupações profundas do espirito. Ha os que o combatem com furia iconoclasta, vendo em Kant um mal. Mas há tambem os que se lhe inclinam como diante de um idolo e o consideram o verdadeiro caminho da filosofia, achando que voltar a Kant é voltar á verdade. Extremados são uns e outros. E' no meio termo que deve estar a verdade depurada a respeito do escritor poderoso da "Critica da Razão Pura". Quiz "Cultura Moderna" dar aos seus leitores um apanhado tranquilo e fiel do kantismo, acompanhado de uma narrativa serena da sua plácida existencia. Encontrou-a. E' o volume de Victor Delbos, que agora se vai ler.

V. — BERGSON. — Gillouin.

Eis-nos chegados ao ponto visceral da filosofia contemporanea — Bergson. Este nome representa algo de simbolico em nossos dias: a audacia de ressuscitar as correntes da filosofia metafisica. Quando já se supunha morta e inteiramente enterrada, ela reaparece na obra do arguto escritor. Não se sabe, é verdade, se viva e louçã, como a querem os seus partidarios, ou se, apenas, recaminizada nas magias estalisticas do notavel analista, que se encaminhou, como é de frequente uso, pelos encantos da linguagem escrita, para "despistar" o desfibramento, a desarticulação, o desconjuntamento definitivo daquilo que, como devendo sobrepairar além da compreensão e da averiguação materialista, dêsde os dias de Aristoteles, chamou-se metafisica.

Nas suas linhas essenciais aí se encontra, nêste claro e firme livro de Gillouin, o pensamento bergsoniano .

AS GRANDES OBRAS

E' nas grande obras que se póde verificar a magnitude do pensamento humano, meditando os candentes problemas que se agitam no espirito. São como marcos que se fincam, no terreno cultural, indicando as etapas percorridas pela inteligencia no afan nobilissimo de encontrar solução ao problema da felicidade. Não se pode conceber cultura verdadeira, autentica, sem o estudo meditado, reflexionado a fundo de livros como a *BIBLIA*, os EVANGELHOS, A E'TICA, A NICOMACO de Aristoteles, o BANQUETE de Platão e A E'TICA de Spinoza. Sintetizam grandes percursos exaustivos do pensamento, na ancia de resolver as arduas questões humanas, sociais e filosoficas.

Na Biblioteca — AS GRANDES OBRAS — procurou-se satisfazer as exigencias da atualidade nacional, apresentando-lhe os livros basicos do pensamento.

I. — O CRITERIO. — J. Balmes.

Quasi um seculo de existencia, pois foi publicado em 1845, e que esplendida frescura e louçania ainda despreende este pequeno tratado de metolização logica do entendimento!

O espirito espanhol atingiu o maximo de clareza, nas paginas cheias deste cura-filósofo. O pensamento peninsular honra-se de Balmes, como se honra do celebre padre Suarez.

Livro profundo e suave ao mesmo tempo, quem quizer informar-se, com exatidão, da curiosa méscla de logica aristotelico-escolastica, é ler e meditar este volume por todos os titulos precioso.

O CRITERIO ou A ARTE DE CHEGAR A VERDADE é um valioso manual de logica formal classica, ponteado de belas reflexõs morais, pensamentos sutis, profundos, escritos por uma inteligencia prescrutante, e de peregrina sagacidade critica nos ambitos da bibliografia católica.

II. — ESTUDOS SOBRE O AMOR. — J. Ingenieros.

Em tres artigos, cheios de rara argucia psicologica, o notavel pensador argentino, num estilo que tem irizações de sól posto, descreve, a maravilha: no primeiro, o amanhecer do amor na alma femenina; no segundo, o crime sui-generis e a pena, ainda mais fóra do comum, de beijar a quem não quer ser beijado, pois, ao parecer do escritor, a reação penal deve consistir na devolução, em publico, do ósculo recebido a contragôsto; e, afinal, no terceiro, préga, com denôdo, a livre escôlha do amôr, o que se chama — **liberdade de amar** — que de fórma nenhuma se deve confundir com a fórmula desmoralizada do — **amôr livre**.

O magistral déstas tres dissertações impõe a leitura e a meditação désta pequenina **Grande Obra**.

III. — Classificação das Ciencias. — H. Spencer.

Si ha um autor sempre atual, esse é Herbert Spencer. Quem quer que queira iniciar-se no estudo da

Sociologia, ha de forçosamente estacionar, por muito tempo, nas obras de Spencer, para nelas colher e aprender muita cousa necessaria.

Spencer, genio enciclopedico, percorreu todos os campos do conhecimento, e em cada um projetou a luz da sua incomprendivel inteligencia. Na vasta literatura Spencilesiana, a por do material imenso acumulado, deparamos reflexões de extrema profundida, autenticos germes em embrião, alguns já desenvolvidas em belissima floração, posteriormente; outros ainda aguardando o clima propicio para germinar, sob o bofejo creador dos seus discipulos e continuadores.

Neste surto de renovação cultural que perpassa pelo Brasil, ha um lugar de destaque, reservado para Herbert Spencer. Na "Classificação das Ciencas" pomo-nos em contato com o filosofo. E Spencer é, essencialmente, um grande e consumado filosofo. O que Carlos Darwim realisou no terreno da Historia Natural, executou-o Spencer no setor do pensamento filosofico. O evolucionismo é a idéa mãe da obra de ambos. E é com as algemas desse principio filosofo, que Spencer solda o reino social á natureza, incorporando-o seu dominio do ferreo determinismo universal.

IV. — Os SUPER-HOMENS. — R. W. Emerson.

Emerson, filosofo e educador norte-americano, forma na legião dos Nietszche, Carlyle e Taine — é um dos expoentes maximos do individualismo. Qualquer que seja a denominação empregada — **representative man, ubermensche,** ou heroe, os partidarios dessa corrente odmitem que o individuo seja o agente creador da sua propria vida e, o que é mais, da vida coletiva. De conformidade com esse individualismo, a Historia da Humanidade se cifraria á biografia dos grandes homens, que, de tempo em tempo, aparecem como guieiros da multidão bronca e ignara. Dignificando a estirpe humana, nesse conceito, o homem aparece divinisado, quasi confundindo com o proprio demiurgo, e, como ele, capaz de arrancar as instituições sociais do nada... No conflito entre o sociocratismo e o individualismo, o nome de Emrson aparece nimbado de imensa autoridade.

Abstraindo-se o credo de cada um de nós, qualquer que seja a nossa propria convicção filosofica, a leitura de Emerson se recomenda pela belesa peregrina dos seus conceitos, pela clarza das suas eidéas, e, acima de tudo, pela sinceridade de um puritano com que esse autor externa o seu pensamento.

V. — O HOMEM MEDIOCRE. — J. Ingenieros.

Se ha livro onde o pujante espirito de Ingenieros mais revoou em agudezas e penetrações criticas, morais, psicologicas e filosoficas, foi, certamente, nêste famoso volume sobre "O Homem Mediocre". E' dificil imaginar-se maior arguçia e atilamento, na análise de um problema tão simples e ao mesmo tempo tão complexo como êste, da decomposição moral e social do tipo medio, vulgar e corriqueiro do homem que muito se avalia, por conta propria, em sua louca e desvairada, pretenção, mas, afinal, com o qual se tropeça como os pedregulhos das estradas. E' mesmo o tipo comum. A diferença é que êle nunca se confórma com a sua mediocridade, e blasona de superior... mas a trrivel realidade fá-lo fracassar, em tudo aquilo que vai além da sua mediocridade. Incha como a rã da fabula e acaba sempre, arrebentando pelas ilhargas... E, ai de quem não os diagnostica ao primeiro olhar! Irá na onda da sua dilatação megalomana. E como pululam esses tais, em todas as profissões e em todos os oficios, emblemas permanentes de incapacidade e fracasso, mas que vivem a proclamar a sua habilidade para atacar moinhos de vento.

Há páginas geniais neste livro, por onde o peregrino talento critico do poderoso escritor se desdobrou, em infinitos matizes de inteligencia, percuciencia e vivacidade. Aliou a uma cultura classica e moderna, cimentada nos pilares mais sólidos, uma rara independencia de análise, envolvidos num estilo claro e flexuoso, que o faz considerar como dos porta-bandeiras da cultura americana do seu tempo.

VI. — PARADOXOS. — Mac Nordau

Obra demolidora, de guerra aos preconceitos e de combate á rotina, PARADOXOS, de Max Nordau, é um mundo de idéas novas e concepções profundas, opondo-se, como um feixe de luz, á degradação e á hipocrisia das convenções sociais. A leitura dêste livro representa um passo para a libertação intelectual e moral dos que se vêem acorrentados aos velhos postulados de uma educação falsa, inteiramente baseada em condições especiais de um passado longinquo e que, por conseguinte, merece ser destruida pêla chama vivificadora do desenvolvimento moderno.

VII. — PÁGINAS FILOSÓFICAS. — Diderot.

Com a edição da presente coletanea de trabalhos de Diderot, a "Cultura Moderna" não teve outro intuito que o de dar ao publico leitor do Brasil a oportunidade de conhecer um dos mais grandiosos representantes dos enciclopedistas francezes, talvez mesmo o mais grandioso, pela variedade de seus conhecimentos, pelas geniais antecipações cientificas, e que, como muito bem se expressou um dos seus tradutores latinos, "adeantou-se ao prudente Newton, estendeu a mão a Lamarck e advinhou Darwin".

Da obra imensa de Diderot — 20 alentados volumes — extraimos o que melhor possa interessar ao espirito estudioso dos leitores de filosófia e o que de forma mais nitida representa as concepções cientifico-filosóficas do autor.

Diderot distinguiu-se em quasi todos os ramos do saber humano, não havendo especialidade de que não houvesse discorrido com proficiencia. E' o precursor de certas concepções filosóficas ligadas ao materialismo, tendo-se sobretudo destacado pelo conhecimento da dialetica no sentido em que o filósofo alemão Hegel a empregava.

VIII. — AS MENTIRAS CONVENCIONAIS DA NOSSA CIVILIZAÇÃO. — Max Nordau.

Dêste livro póde-se dizer que foi regado com agua de Juventa, com essa agua milagrosa que ondeia, em correntes eternas, nas grandes obras das cerabrações autenticas.

O autor, que durante muitos anos, pela grandeza da sua inteligencia, soube trazer pasmado o mundo culto, escritor rebelde, pensador original e arguto, critico mordaz e irreverente, de rara penetração sociologica, nêste livro, amigo leitor, que ora tens em mãos, começa zurzindo a falta de sinceridade dos homens em face da realidade, e os que procuram esquivá-la ou escondê-la.

O estudo do presente e as visões do passado historico desenrolam-se num quadro vivo e vibrante. Não teme apontar o desvirtuamento das ideias sans, fustigando as convenções falsas da sociedade e decompondo, como num anfiteatro anatomico, a mentira religiosa, politica, economica, etc... Disseca as diferenciações sociais de classe e, preocupado com o grande pária social, o proletario, esboça-lhe os cenarios de dor e miseria, achando que uma cova de bicho é mais limpa que uma pociga de operario. Ergue, como um cauterio esbrazeante, o seu indignado protesto, contra as desigualdades e as injustiças. Mas, sobre o painel negro, ainda tem coragem de entoar um hino de esperanças no altar da vida, de onde descortina risonhas perspectivas á humanidade. E, tudo isso, parece que foi escrito nestas ultimas horas, tal a louçania de primavera que verdeja néstas paginas.

I. — O ASNO DE OURO. — Apuleio.

Não é possivel deixar-se de exclamar, ao fim da leitura dêste livro classico: "Que bella obra literaria, originalissima em seu conjuncto?" — De facto: muito de raro em raro, na tradição literaria da humanidade se nos depará tão extrema curiosidade inventiva, expressão tão formosa e galharda da mais alta imaginação.

Apuleio veio até nós atravez d'"O Asno de Ouro", mas foi bastante para merecer a admiração da posteridade. Pode ser catalogada entre as maiores obras engendradas pela fantasia literaria em todos os tempos. Lê la é afundar num mundo de inesperados e maravilhas, surprezas e encantos, que nos passam diante dos olhos com graça elegante e leve ao mesmo tempo que profunda espiritualidade. Costumes, lendas, descriptivas, vida social, superstições, tradições, anomalias sexuais, praticas de bestialidades consagradas na antiguidade e principalmente uma personagem aparentemente disparatada, mas que forma a maior delicia do livro: — um homem transformado em asno, que aje como asno mas pensa como homem, cujas reflexões e observações tem um sabor invulgar de graça e grandes larguezas morais.

ESCRITORES BRASILEIROS

I. — A PSICOLOGIA SOCIAL DO QUIXOTE

— J. Pérez.

Melhor recomendação não poderia ter este livro do que a sua tradução, imediata, para uma lingua extrangeira — para o espanhol, e cuja publicação, pela Casa Javier Morata, de Madrid, é simultanea com a portuguesa. Não há duvida que para qualquer escritor, mormente para um escritor novo como José Pérez, é isso grandissima honra consagratoria. Verificando o singular valor da analise a que submeteu o **Quixote**, esse editor propoz-se, desde logo, fazê-la conhecida dos que falam o castelhano, chegando mesmo a propor-lhe a publicação inicial nêste idioma, tal o interesse que despertou a tése personalissima que espósa. Por aí se avaliará, desde logo, o seu quilate. Este facto garante ao escritor a satisfação de um nome intercontinental. Aliás, resumidas, ha mais de ano, as ideias substanciais do texto, numa conferencia de sensação — que acompanha, em 2.ª tiragem, como Introdução, em separata, o presente volume — já se manifestou, entusiasticamente, a critica indigena e extrangeira, augurando, para o livro, o exito mais animador. E' que o escritor tentou, com um conhecimento aprimorado da obra de Cervantes, que esmiuça com rara paixão, pela primeira vês, o comentario sociologico de uma obra que honra o Pensamento Humano — o **Quixote**. E fê-lo de modo fóra do comum, tanto na interpretação como na exposição, e á luz de um metodo severo, procurando justificar a sua tése, não com palpites e suposições mais ou menos bem fundadas, porém, exaustivamente, em passagens probantes e incisivas, do imortal poema de Cervantes.

Pois, com esta obra, iniciamos a série — **Escritores Brazileiros.**

OS GRANDES ARTISTAS

Encetamos a publicação da vida dos homens que, na divina arte, afirmavam a sua personalidade em diversas nações do mundo. Obedecendo a um criterio de rigorosa exatidão, escolheremos o que de mais perfeito se haja publicado em outros idiomas, por maneira a elucidar não sómente sobre a existencia dos grandes maestros, arrostando por vezes enormes dificuldades na consecução ao seu ideal, mas ainda acerca das determinantes que influenciaram a inspiração desses expoentes da arte maxima na feitura de suas obras primas. Começamos por destacar os musicos, esculptores e pintores, e acrescentaremos tambem nesta serie cantaores, arquitectos, ourives e miniaturistas, que anunciaremos devidamente.

Ficará, por esta forma, ao alcance de todos, numa leitura amena, um ramo de cultura de cuja difusão só beneficios podem resultar.

(MUSICOS)

I. — BERLIOZ E SUAS PAIXÕES - E. REY.

Quando anunciámos a publicação desta parte da nossa serie cultural, dissémos que focalisariamos o traço dominante da vida de cada um dos grandes musicistas que se inscreveram nas paginas da histria e se impuzeram á consideração dos posteros pela fulgurancia das suas creações.

Apresentando Berlioz, o genial autor da **Sinfonia fantastica** que a paixão inspirou, deviamos, por obediencia a essa orientação, resaltar o amor que foi o constante acicate na existencia desse grande propulsor da arte musical. Despertando seu coração aos doze anos, acompanhou-o indefetivelmente até ao tumulo, dulcificando-lhe horas, amargurando-lhe dias, insuflando a inspiração que lhe entreteceu a aureola da gloria e urdindo a trama que o aprisionou na cadeia das tribulações.

Dotado de fecundo poder inventivo que o assinala com um dos mais notaveis reformadores da sua arte, lutador vigoroso que a adversidade nunca conseguiu abater, foi um grande infeliz, sempre perseguindo a linda quimera do amor, esquiva e traiçoeira, a fugir deante dele.

Da passagem pelo mundo deste eximio musicista, produtor de obras cuja valia a ação do tempo não esfumou, dá nitida ideia o livro de Etienne Rey — **Berlioz e suas paixões** — que **Cultura Moderna**, no seu desejo de bem elucidar o publico acerca das brilhantes figuras artisticas do passado, agora apresenta.

II. — MEYERBEER, O MUSICISTA, O TEATROLOGO. — L. Dauriac.

O traço mais saliente de Meyerbeer, maestro que empolgou as plateias do seu tempo, foi a perfeição com que soube escrever a musica que convinha ás situações apresentadas no palco e aos sentimentos dominantes nos personagns do drama. Combatido, ás vezes forte e acerbamente, por uma pleiade em que sobresaiam figuras do relevo de Wagner e Shumann, teve a defende-lo artistas do realce de Liszt, Berlioz e Weber e, sobretudo, o publico que enchia os teatros onde as suas operas se cantavam. Equilibrado e sereno, cauteloso e desconfiado, não correndo atraz da gloria que soe ser esquiva

é só reparar nos seus perseguidores quando eles não podem já requesta-la, soube sempre o que queria e para onde caminhava. Prussiano de origem e israelita de raça, conseguiu a aureola do triunfo em Paris, impondo-se como uma das mais proeminentes figuras entre os autores de opera franceza, após ter feito retumbar o seu nome na Italia e haver sido elevado á alta dignidade de musicaldirektor em Berlim. Deve-lhe a orquestração moderna fortissimo impulso e os espaços sonoros foram por ele enriquecidos com novos e interessantes elementos. Talvez a sua musica não seja recamada de poesia, mas é revestida de grandiosidade. Fiel ás suas crenças, rompendo um noivado para as não abjurar, escrevia a musica sacra sem cuidar de saber se a executariam na igreja ou na sinagoga como sua mãe distribuia as esmolas, em que era prodiga, sem investigar se quem as pedia era judeu ou cristão. Um homem bom e um artista insigne, imparcialmente analisado no livro de L. Dauriac que CULTURA MODERNA apresenta ao publico ledor no proposito de divulgação cultural que se propoz.

(ESCULTORES)

III. — FIDIAS. — A. Valjean.

(PINTORES)

IV. — RAFAEL. — J. Malborugh.

ESPIRITUALISMO

I. — TEOSOFIA FUNDAMENTAL. — A. P. Sinnett, C. W. Leadbeater, W. Q. Judge.

Na torrente dos vários sistemas filosóficos que têm dominado o espirito humano, a TEOSOFIA, pelos seus profundos ensinamentos, pode, sem dúvida, considerar-se tambem um sistema filosófico, de não menor valia que os outros, e já por êsse aspecto merece bem a pena estudá-lo. Essência e base dos grandes sistemas filosóficos da India, o eminente orientalista que foi F. Max Muler dedicou-lhe uma obra especial, — THEOSOPHY, or Psychological Religion, e em outras demonstra o fundo teosófico, isto é, esotérico, das várias religiões e filosofias do Orinte. Outro grande orientalista francês, Paul Oltramare, professor na Universidade de Genebra, publicou, sob o mesmo tema, dois volumosos e notáveis estudos, que constituem parte da Biblioteca do célebre e autorizado Museu Guimet, — L'Histoire des Idées Théosophiques dans l'Inde.

Dêste modo amparada, a Teosofia tem assento preeminente no mundo das grandes doutrinas, com a vantagem, sôbre os outros sistemas, de não ser de uma criação pessoal, por outras palavras, não ser a resultante de cogitações e opiniões de um determinado pensador que lhe desse a autoria. Já notável por isso mesmo, a TEOSOFIA oferece, além de uma concepção genial do Universo e da Vida, uma filosofia eminentemente prática da conduta humana, não se limita a uma interpretação, mais ou menos certa, dos fenómenos universais, como o fazem os criadores de sistemas, vai além; oferece, aos seus estudiosos, um código de preceitos, que mesmo seguido pelos que não lhe adoptassem as afirmações peremptórias, constituiria o ideal supremo do individuo e da humanidade enobrecendo-lhes a existência e dando as razões de tal, o que nenhum outro sistema, filosófico ou scientifico, dos melhores pensadores, logrou até hoje.

A CULTURA MODERNA, no seu afã de publicação de obras dos melhores pensadores, inicia, com êste volume, a exposição de uma das mais excelsas doutrinas, — A TEOSOFIA, — que tem por si um passado histórico que se perde por entre as idades milenárias e, nês-

se propósito, continuará publicando em seguida os melhores trabalhos de Rudolf Steiner, Edouard Schuré, Madame Blavatski, Annie Besant, C. W. Leadbeater, C. J. Jinarajadasa, L. Revel e tantos outros que seria ocioso mencionar.

II. — III. — IV. — OS GRANDES INICIADOS. — E. Schuré. (3 volumes).

Um a um, perpassam, pelas paginas da obra de Schuré, refletidos na fé e nas idéas que alimentam, com zelo invulgar...

Todos têm uma missão a cumprir: a redenção humana: O reerguimento da estirpe até a perfeição moral das leis religiosas. Em todos arde um facho: o da verdade que buscam. Por todos eles circula a mesma seiva alentadora: o imenso, o infinito amor que nutrem pela humanidade. Amor que é, antes de tudo, renuncia e sacrificio...

Esse sequito ininterrupto, através dos seculos, deixa á sua passagem um rasto luminoso... São os clarões dessa luz, a cujo contato a alma humana se aquece e comove, que Schuré gravou com a sensibilidade da sua alma nas paginas que escreveu.

Com "Os Grandes Iniciados", insculpido como uma joia rara na série desta Bibliotheca de esperitualismo, estamos certos de que confiamos aos nossos leitores uma obra que viverá perfeitamente na memoria de quem a ler...

SERIE CULTURAL

AS GRANDES OBRAS

I. O Criterio. — J. Balmes
II. Estudos sobre o amor. — J. Ingenieros.
III. Classificação das Ciencias — H. Spencer.
IV. Os Super-Homens. — R. W. Emerson.
V. O Homem Mediocre. — J. Ingenieros.
VI. Paradoxos. — M. Nordau.
VII. Páginas Filosóficas. — Diderot.
VIII. As Mentiras Convencionais da Nossa Civilização. — Mac Nordau
IX. O Amor, as Mulheres e a Morte. — A. Schopenhauer.
X. Tratado Politico. — B. de Spinoza.
XI. As Grandes Lendas da Humanidade. — M. D'Humiac.
XII. A Imoralidade Social de Amar - J. Ingenieros.

OS GRANDES PENSADORES

I. Santo Tomás. — E. Chiocchetti.
II. Aristóteles. — Gompers e Zeller.
III. Descartes. — M. Leroy e P. Landormy.
IV. Kant. — V. Delbos.
V. Bergson. — Gillouin.

OBRAS PRIMAS LITERARIAS

I. Asno de Ouro. — Apuleio

OS GRANDES ARTISTAS

(Músicos)
I. Berlioz e suas Paixões. — E. Rey.
II. Meyerbeer, o musicista, o teatrólogo. — L. Dauriac.
(Escultores)
III. Fidias. — A. Valjean.
(Pintores)
IV. Rafael. — J. Marlborugh.

ESCRIPTORES BRASILEIROS

I. A Psicologia Social do Quixote. — J. Pérez.

ESPIRITUALISMO

I. Teosofia Fundamental. — A. P. Sinnett, C. W. Leadbeater, W. Q. Judge.

Os Grandes Iniciados. - E. Schuré.
II. Tomo I
III. " II.
IV. " III.

Edições
Cultura Moderna

Edições
Cultura Moderna

TRABALHO DO
ST. GRAPHICO
Cruzeiro do Sul
S. ANTONIO, 9 - PHONE 2-3538